



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**DAYANE RIBEIRO SANTOS**

**PAPILOSCOPIA: OS RASTROS DA PERFORMANCE DE SI**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**DAYANE RIBEIRO SANTOS**

**PAPIOSCOPIA: OS RASTROS DA PERFORMANCE DE SI**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus Malês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizia Cristina Ferreira.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**DAYANE RIBEIRO SANTOS**

**PAPILOSCOPIA: OS RASTROS DA PERFORMANCE DE SI**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus Malês.

Data de aprovação: 07/06/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizia Cristina Ferreira (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Marcos dos Santos Santos**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

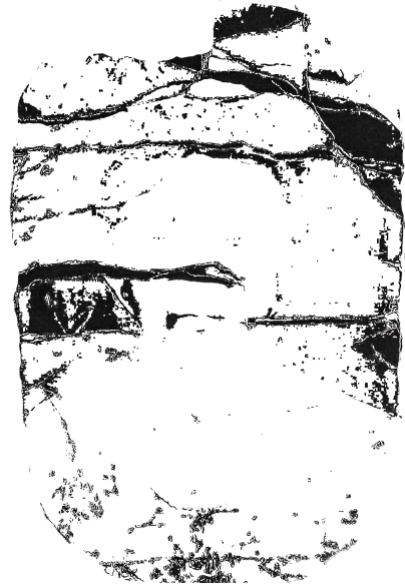
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>8</b>
2.1	GERAL	8
2.2	ESPECÍFICOS	9
<b>3</b>	<b>PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS</b>	<b>10</b>
<b>5</b>	<b>FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>11</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>12</b>

## 1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

**Figura 1** - Foto pintura (1950) de Maria da Glória



**Figura 2** - Rastros da foto pintura



Reencontro<sup>1</sup> os rastros e fragmentos deixados na foto pintura, 1950, da minha avó paterna Maria da Glória. A foto mesmo com a gastura do tempo continua a realçar a beleza e elegância daquela que foi basilar para a minha família paterna. O reencontro com a imagem se deu de maneira despreziosa, porém arrebatadora. Com ela imaginei mundos e os grafei em artes-memórias. Neste fazer conheci pessoas, técnicas e o mais estupendo, a história da minha avó que não era contada. Poeta, costureira, gestora matripotente e ancestral.

Em sua presença fragmentada reconheço também minha própria história e de outras mulheres pretas. O rio que sou, sendo omo<sup>2</sup> orixá de Oxum. Rio que não se seca por saber da sua nascente e por ser alimentada de demasiadas águas, ocupando as lagunas vazias ou patológicas da minha história.

Essa imagem, fragmentada e desgastada pelo tempo do envelhecer, recebi de meu pai. Esse presente do passado abriu o diálogo profundo comigo e com os meus. Tudo começou quando convidei essa foto pintura para fazer parte da prática de mimeses corpóreas transmitidas a mim

<sup>1</sup> Com a devida licença e reconhecendo as construções e lutas travadas pelas feministas negras, escrevo este trabalho na primeira pessoa por saber o poder da minha vivência e produção que atravessa tantas outras, outros e outr\_s. O silenciamento não nos cabe mais. Pois, assim como Grada Kilomba (2019:27) diz, aqui eu não sou a “Outra”, mas sim a própria.

<sup>2</sup> Recém iniciada no candomblé.

por Raquel Scotti no Lume Teatro - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Teatrais em 2019. Essa prática me levou a sentir a imagem como “cartografia sensível” (ROLNIK, 2016), possibilitando descobrir os rastros nos rastros do vazio da minha ancestralidade. O vazio, aqui trago em duplo sentido. Essa palavra se refere a falta da memória retirada pela opressão colonial e seus desdobramentos na contemporaneidade. Mas, o “vazio” também interpreto pela cosmologia Bantu-Kongo como *mbungi*, o vazio/o nada, onde agem outras forças desconhecidas e invisíveis. Para refletir sobre a transformação temporal a partir da cosmologia Bantu-Kongo utilizo a tradução de Tiganá Santana (2019) do livro “Cosmologia africana dos bantu-kongo” de Bunseki Fu-Kiau.

As técnicas de corpo-imagem do Lume Teatro possibilitaram um passo decisivo de costurar a memória perdida pela prática por buscar sua presença no corpo, nos objetos e nos fragmentos do passado. A pesquisa proposta oscila entre estudos contracoloniais, estudos performativos sobre a ótica de Leda Maria Martins, estudos da mimeses corpórea desenvolvida no Lume teatro e busca individual de si na desfragmentação colonial do meu povo e da sua memória. Esse trabalho é sobre a memória perdida ou aniquilada pelo colonialismo (KILOMBA, 2019; HATMAN, 2020). Destaco também através dos estudos performativos que o corpo carrega os modelos de “performances na vida cotidiana” (SCHECHNER, 2012: 18) e imagens reservadas para um tipo de corpo específico (COLLINS, 2019). Desenvolvendo a teoria dos estudos da performance pelo aspecto afrorreferenciados de Leda Maria Martins (1995) que a colonialidade em contemporaneidade se destaca pela subalternização dos corpos negros e seus modelos reservados na sociedade Ocidental. Me posiciono na contramão das imagens predestinadas para mim pela “mirada folclórica branca”<sup>3</sup>. Mas não quero permanecer só nessa constatação. É só o primeiro passo. Também, pretendo criar uma prática performática que incorporando e dançando com as imagens da memória possibilitam criar os mundos imagéticos possíveis<sup>4</sup>. Pretendo durante a pesquisa do mestrado estudar as técnicas de práticas cênicas do Lume a partir da memória e mimesis corporal. Esse mundo do “corpo possível” relaciono com as teorias contracoloniais sobre memória de Grada Kilomba (2020), Saidya Hatman (2020) e Leda Maria Martins (2021).

---

<sup>3</sup> Para Musa Michelle Mattiuzi (2021) a mirada folclórica branca seria as narrativas elaboradas pela branquitude sobre a estética negra e indígena se estabelece a noção compulsória sobre o “outro” construídos a partir do uso de signos que engendram a necropolítica como possibilidade de inclusão e de representatividade, em um jogo perverso da linguagem branca de captura e visibilidade.

<sup>4</sup> Me relaciono aqui com outros trabalhos artísticos que chamaria de as práticas “dos mundos possíveis” como por exemplo as instalações performáticas e workshops de artista e psicóloga Castiel Vitorino Brasileiro.

Para descrever este processo transdisciplinar e vasto, ressignifico os estudos da papiloscopia, que no seu sentido clássico, “é o estudo das papilas dérmicas encontradas no corpo humano, como nos dedos, palmas das mãos, sola dos pés entre outros” (CAIRES, 2022, p.3). Quero propor os estudos papiloscópicos em novo sentido, como prática da investigação da imagem, como prática de refletir, cartografar, marcar as linhas papilares simbólicas e encontrar reverberações delas no corpo. Entendendo que cada imagem tem as suas linhas papilares enquanto registro em modificações.

Pretendo usar o meu corpo em ativações performáticas que naveguem entre imagens, ficções, registros que estejam relacionadas aos processos de ancestralidade, vitalidade e cura, produzindo imagens que escapam às tradições do mimetismo realista que herdamos da moderna colonialidade (GUEDES,2021), assim como sala de ensaio nas elaborações metodológicas de mimesis corpórea do Lume Teatro, entre teoria e prática em diálogo com as investigações da imagem.

Essa proposta tem sua dimensão reflexiva e desenvolvimento artístico a partir da performance e análise das imagens. Me debruço nas construções teóricas dos estudos performativos afroreferenciados de Leda Maria Martins para pensar este corpo-imagem, para além do campo imagético da visão, mas, abrangente ao campo ampliativo dos sentidos, da cinestesia. “Geralmente, adereçamos as imagens na sua qualidade visual, privilegiando olhar, a janela da alma, como evocavam os gregos. Mas as imagens podem ser também sonoras e cinéticas e essas suas qualidades são contíguas.” (MARTINS, 2021).

A mencionada foto pintura de 1950 apontou-me diversas direções, seus rastros e suas ausências. O tempo foi modificador e atuante para que o visto e o invisível ficassem a mostra. A imagem então compõe-se em encruzilhadas dispondo a sua cartografia, uma cartografia sensível.

A cartografia sensível diz respeito a um tipo de sensibilidade em que a própria cartógrafa se propõe prevalecer. Permitindo que o fluxo de intensidades se alastre, que desorienta e desestabilize suas “representações” e que por vezes, se detenha o fluxo canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. (ROLNIK, 2016)

Com o advento desta compreensão me dispus a passar tempo meditando na imagem para que ela me apontasse possibilidades. A pandemia me oportunizou um recolhimento essencial, conflituoso e amplificador para que eu chegasse a ver o que eu não enxergava, não somente no

campo da visão. Dos rastros contemplados na imagem, reconheci os vazios, quando retirei a imagem deixando somente os rastros do seu próprio desfazer temporal, no qual fiz analogia com as linhas papilares das mãos e dos meus pés. Assim, me chegou a papiloscopia. A inteligência corporal de registrar em desenhos na pele.

A papiloscopia é uma ciência utilizada principalmente no campo criminológico - o qual, no Brasil atinge em sua maior contingência a população afrodescendente - para a identificação pessoal de um indivíduo. Não adentro a este conhecimento longínquo, mas utilizo-o metaforicamente na leitura cartográfica do registro deixado pela imagem em seus fragmentos. Para esta leitura papiloscópica me inspirarei em uma das linhas de pesquisa do Lume Teatro, a mimesis corpórea, “uma metodologia de criação que busca a poetização e a teatralização dos encontros afetivos entre alguém que atua e observa e corpos, matérias, imagens, textos” (HIRSON, 2020:170) para pensar com a imagem os impulsos guardados na memória familiar, na memória imagética, na ancestralidade, no mistério, na imaginação e outros campos que ainda irei descobrir na inquirição da pesquisa.

O meu corpo em relação com a cartografia será o receptáculo tradutor, o comunicador - revelando e transcendendo a grafia dançada e gestualizada do fenômeno que irá acontecer. Habitarei o desconhecido. Encararei as memórias ais quais desconheço. Revalidarei a transdisciplinaridade entre a mimesis corpórea e com os estudos da performance elaborados por Leda Maria Martins. Viso com essa pesquisa desenvolver um trabalho performático que surge como uma minuciosa ferramenta papiloscópica encontrando o passado-presente-futuro em um encontro imagético-performático.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Elaborar uma performance a partir dos estudos da memória em perspectiva contracolonial e performativa a partir das práticas cartográficas/papiloscópica, corpo-imagem e técnicas de mimesis corpóreas.



## 2.2 ESPECÍFICOS

- Elaborar um processo criativo baseado nas teorias vinculadas a cartografia, mimesis corpórea e estudos performativos afroreferenciados.
- Construir uma instalação performática a partir de conceito da papiloscopia
- Investigar a memória familiar em perspectiva dos estudos performativos e mimesis corpórea; aprofundar as práticas de dançar/atuar/performar a memória.
- Aprofundar estudos teóricos sobre os estudos performativos afroreferenciados em contexto da memória, estudos de presença de teatro físico, conceitos cartográficos e os conceitos dos “mundos possíveis”;
- Investigar as práticas performáticas e dramáticas relacionadas com memória e “os mundos possíveis”;
- Apresentar a performance nos locais que inspiraram de pesquisa para a criação.

## 3 PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

<b>Período</b>	<b>Atividades</b>
<b>2023.2</b>	Cumprimento de créditos. Revisão do projeto de pesquisa. Revisão e continuação da pesquisa bibliográfica em temática da cartografia e estudos de memória. Pesquisa de ações artísticas das obras vinculadas a corpo e memória. Prática contínua do treinamento corporal com técnicas de Lume teatro e performance. Início de prática de coleta de dados sensíveis sobre memória da família. Encontros com orientador.
<b>2024.1</b>	Cumprimento de créditos. Leituras da bibliografia e pesquisa das obras artísticas vinculadas com tema de projeto. Prática de coleta e organização dos dados coletados. Treinamento corporal relacionado com memória. Construção de cartografia/papiloscopia a partir dos dados coletados. Prática contínua de improvisação e montagem cênica a partir das imagens da memória. Encontros com orientador.
<b>2024.2</b>	Leituras da bibliografia e pesquisa das obras artísticas vinculadas com tema do projeto. Construção espacial da cartografia/papiloscopia. Montagem cênica a partir da papiloscopia da memória e improvisações corporais a partir da memória. Encontros com orientador. Escrita da dissertação. Qualificação.
<b>2025.1</b>	Encontros com orientador. Montagem cênica a partir da papiloscopia da memória e improvisações corporais a partir da memória. Conclusão da escrita da dissertação. Apresentação da performance nos locais que inspiraram de pesquisa para a criação. Defesa. Apresentação da performance. Entrega da Dissertação.

## 4 MATERIAIS E MÉTODOS

O planejado processo de arte/pesquisa será construído a partir dos diálogos artísticos com as imagens e o corpo em seus aspectos da memória, os sentidos, o sensível nos encontros dos fios metodológicos. Por tudo aquilo que me compõe sendo uma mulher candomblecista estabelecendo um diálogo criativo com a minha avó as metodologias que irei utilizar terá que criar vínculo com a ancestralidade.

Aprendi, também que a técnica só tem razão de ser se acordar algo em nós, se religar as nossas origens, se servir de ponte entre o conhecido e o desconhecido, tornando perceptível o imperceptível, visível o invisível. Uma ponte que atravessa os limites do sabido. (Burnier, 2009: 250)

Diante disso, utilizarei a metodologia de criação “mimesis corpórea” criada e desenvolvida no Lume teatro em busca do rastros do vazio, atrás das forças desconhecidas, invisíveis, naturalmente da cosmologia Bantu-Kongo na foto pintura da minha avó. (SANTANA,2019)

O processo criativo será desenvolvido corporalmente seguindo os rastros dessas imagens em mim. Para isso, me deleitarei também nos estudos performativos em perspectiva afrorefenciada que aprofunda a temática das imagens da memória em perspectiva contracolonial. Especialmente me identifico na minha pesquisa com desdobramento dos conceitos teóricos desenvolvidos por Leda Maria Martins.

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporiedades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre oralidade e escrita. (MARTINS, 2021, p. 41)

Os estudos da memória em perspectiva das práticas corporais encontro na pesquisa da mimesis corpórea do Lume Teatro. Minha pesquisa artística se desenvolve na encruzilhada dessas duas metodologias juntamente com a cartografia sensível no intuito de materializar o sensível. Para lidar com essa prática numa forma efetiva utilizarei a metodologia cartográfica que possibilita percepção dos dados sensíveis e inclusão eles no processo criativo.

A foto pintura fragmentada da minha avó paterna é um território carregado de memórias, rastros e mistérios. Arquivados por relatos passados pelo meu pai e tios. Desejo ser afetada pela

imagem. Para decifrar e traduzir, precisarei adquirir as escutas e observações dedicadas de um cartografo. Assim, terei uma experiência corporal e sensível que anseio na pesquisa para registrar as minuciosidades que forem dispostas nos acontecimentos inerentes a relação.

A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. (PASSOS e BARROS, 2009, p.18)

## **5 FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A prática de montagem performática será uma documentação das autopercepções subjetiva no diálogo entre corpo e imagem. Coletarei registros da memória no campo familiar sobre a minha avó e as percepções familiares sobre a foto pintura dela de 1950. A papiloscopia estará de forma análoga a cartografia, numa conversa metodológica para a análise da imagem na construção da performance. Entendo os rastros da imagem como linhas papilares a serem traduzidas. A imagem quando retirada do plano, ficam os dígitos, assim como as digitas dos dedos palmares. Criando um território vasto com muitas complexidades no qual desejo navegar.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2018. (Coleção Feminismos plurais).
- BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167–212.
- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Entrevista concedida a Rizzia Rocha e Luís Thiago Dantas. **Arte Filosofia** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFOP, Ouro Preto, v. 15, n. 28, p. 233-238, abr. 2020.
- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Macete para crescer peito**. 2019. Disponível em: [https://castielvitorinobrasileiro.com/perfor\\_macete](https://castielvitorinobrasileiro.com/perfor_macete). Acesso em: 22 fev. 2023.
- BURNIER, L. O. **A arte do ator: da técnica à representação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- CAIRES, Ricardo. Papiloscopia – noções de papiloscopia. **Ricardo Caires – Perícias Judiciais**, 2022. Disponível em: <http://www.ricardocairesperito.com.br/papiloscopia>. Acesso em: 15 de fevereiro 2023.
- COLLA, Ana Cristina, **Caminhante, não há caminhos. Só rastros**, Ed. Perspectiva, São Paulo, 2013
- COLLA, Ana; FERRACINI, Renato; HIRSON, Raquel. O Estado da Arte do Procedimento de Mimesis Corpórea do Lume. **Urdimento**, v.2, n.29, p. 112-127, 2017.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2005. v. 1.
- ERMAKOFF George. **O Negro na fotografia brasileira do século XIX**, Rio de Janeiro, George Ermakoff Casa Editorial, 2004.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Eunice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2013.
- GUEDES, Cintia. Notas com imagens fugidias: as armadilhas da temporalidade diaspórica. **Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos da ciência**, n.9, p. 84-91, 2021.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações**. Tradução de Adelaine de la Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- HARTMAN, Saidyia. Vênus em dois atos. **Revista EcoPós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. Trad. Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro.

- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019a.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIGIÉRO, Zeca. Batucar-cantar-dançar: desenho das performances africanas no Brasil. **Aletria** Revista de Estudos de Literatura, UFMG, Belo Horizonte, n. 1, v. 21, janeiro-abril, 2011.
- LORDE, Audre. **Sister outsider**. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MARTINS, L. M, **Afrografias da memória**, São Paulo: Perspectiva, 1997
- MARTINS, L. M, **Cena Em sombras**, Editora perspectiva S.A., São Paulo, 1995
- MARTINS, L. M, Performances da oralitura, **Revista da programa da Pós-Graduação da Universidade Federal da Santa Maria**, n. 54: (Jun. 2017)
- MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021
- MATTIUZZI M.M., “Histórias afro-atlânticas”, in PEDROSA, A.;CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. (orgs.). [vol. 2] **Antologia**, org. São Paulo: MASP, 2018, p. 607-609.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2018a.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da ancestralidade: diálogo entre a filosofia da libertação e a filosofia africana(entrevista com Eduardo Oliveira). **Revista Ideação**, n. 41, jan./jun., 2020.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. **Novos Olhares Sociais**, v. 1, n. 2, p. 294-317, 2018.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PAULINO, Rosana: **A costura da memória**, curadoria Valéria Piccoli, Pedro Neri, textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilaqua, Fabiana Lopes, Adriano Dolci Palma, São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.
- ROLNIK, Sueli. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulinas; Editora da UFRGS, 2016.
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução).

SCHECHNER, Richard, **Performance e antropologia de Richard Schechner**, (org. Zeca Ligiéro), Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty . **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.